

BRUNO E OS CATÓLICOS (REVISITANDO DECIMONÓNICAS RECICLAGENS DE TÓPICOS E SLOGANS ANTICLERICAIS)

PEDRO VILAS BOAS TAVARES
UNIVERSIDADE DO PORTO - CITCEM
ptavares@letras.up.pt

RESUMO: Situando-as ao longo do arco temporal de toda a sua obra escrita, neste trabalho se patenteiam, exemplificam e contextualizam linguagens e atitudes com que o filósofo e político republicano portuense Sampaio Bruno (1857-1915) enfrenta as expressões da fé católica e a realidade eclesial coevas. Uma particular atenção merece a sua reação às iniciativas arrancando do «Congresso dos Oradores e Escritores Católicos», reunido em 1871-1872 no Palácio de Cristal do Porto, demonstrativa de que o novo associativismo católico, por melhor que fosse o curriculum científico dos leigos implicados, sempre nos meios hostis à Igreja Católica tenderia a ser apresentado em “chave tópica” de «avanço da onda negra do jesuitismo e do reaccionarismo» em Portugal, isto é, de acordo com uma virulenta e preconceituosa “cartilha” conceptual de combate anticlerical, havia muito tempo velha e relha, mas de novo reciclada.

PALAVRAS-CHAVE: Cristianismo; Liberalismo; Clericalismo; Anticlericalismo; Jesuitismo; «Questão religiosa»; Associativismo católico.

ABSTRACT: Placing them throughout the time span of all his written work, this work patent, exemplify and put into context languages and attitudes with which the Oporto’s republican philosopher and politician Sampaio Bruno (1857-1915) faces the coeval expressions of the Catholic faith and the reality of Church. A special attention deserves his reaction to the initiatives began by the «Congress of Catholic Speakers and Writers and Speakers» meeting, in 1871-1872, in Oporto’s Crystal Palace, demonstrating that the new Catholic associations, as good as it was the scientific curriculum of involved laity, always in hostile ambiency to the Catholic Church would tend to be presented in "topical key" of «advancement of black wave of Jesuitism and reactionarism» in Portugal, i.e., according to a virulent and prejudiced conceptual "booklet" of anti-clerical combat, which was very old, but it was recycled again.

KEY-WORDS: Christianity; Liberalism; Clericalism; Anti-clericalism; Jesuitism; «Religious question»; Catholic associations.

«Vivia entre livros, na mais extraordinária desordem que se possa imaginar: brochuras pelo chão, manuscritos debaixo da mesa, folhas soltas por todos os cantos. Um dia – foi assim que o conheci – fui consultá-lo e pedir-lhe umas indicações bibliográficas de que eu carecia. Bruno, entre toda aquela papelada dispersa e confusa, respondeu-me – que não conhecia a questão. Mas que tomasse eu nota de algumas coisas, poucas, de que se recordava. E começou a ditar nomes de autores, datas, títulos, revistas, com os olhos míopes e baços por trás das lunetas sujas – e eu a escrever. Daí a vinte minutos eu tinha escrito, de todos os lados, uma folha de papel almaço – e se não me declaro satisfeito, ainda agora, um par de anos depois, lá estava a linhar títulos, edições, catálogos, obras...»

Augusto de Castro, *Fumo do meu cigarro*, Lisboa, 1916, pp. 191-192

1. Conforme é bem sabido, Sampaio Bruno inicia cedo as suas lides literárias e jornalísticas. Feitos por outrem, não nos compete a nós nem são para aqui, quaisquer balanços sintéticos dos méritos da sua obra e ou do seu pensamento. Demonstrada aliás pela realização de um recente congresso¹, há toda uma vasta linha de investigação que apresenta respostas nesses domínios². Em qualquer circunstância, nada que pressuponha vassalagem ao «especialismo policial», com arruamento formal dos ofícios (segundo velha e lapidar expressão de Ricardo Jorge)³, mas muito antes pelo contrário...

Apenas nos compete começar por verificar o óbvio, desde os 14/15 anos deste ilustre escritor português: a construção por si de uma obra literária que, em grande medida, se organiza em torno da refutação e discussão de valores e princípios tidos por centrais no catolicismo.

Entendamo-nos frontal e claramente: não se tratava apenas do combate ao catolicismo oficial e prático enformador do antigo regime. É verdade que *Os Três Frades e Outros Textos de Ficção*⁴ são trabalhos nefelibáticos de estereotipada

¹ «A Obra e o Pensamento de Sampaio Bruno», organizado pela Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa (Centro Regional do Porto), de 4 a 6 de Novembro de 2015. Com algumas adaptações, o texto inédito que aqui se reproduz corresponde à comunicação de nossa autoria então aí apresentada.

² Cf. nomeadamente GAMA, Manuel – *O Pensamento de Sampaio Bruno. Contribuição para a História da Filosofia em Portugal*. Lisboa: INCM, 2009; e a obra produzida por ROCHA, Afonso – *O Mal no Pensamento de Sampaio Bruno. Uma filosofia da razão e do mistério*. Lisboa: INCM, 2006, 2 vols.; *Natureza, Razão e Mistério - Para uma leitura comparada de Sampaio Bruno*. Lisboa: INCM, 2009; A Gnose de Sampaio Bruno. Lisboa: Zéfiro, 2009. Para enquadramento no quadro do pensamento português, cf. ALVES, Ângelo – *A Corrente idealístico-gnóstica do Pensamento Português Contemporâneo*. Porto: Estratégias Criativas, 2010.

³ JORGE, Ricardo – *Francisco Rodrigues Lobo*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1920, p. x.
⁴ Cf. BRUNO, Sampaio – *Os Três Frades e Outros Textos de Ficção*. Lisboa: INCM, 2007. O romance incompleto *Os Três Frades* foi publicado em folhetins no jornal português *Diário da Tarde*, de 16 de Julho de 1872 a 6 de Fevereiro de 1873. Cf. *Ibid.*, nota editorial, p. 7.

fobia anticlerical e anti congreganista. Nessa idade, Loyola e Torquemada eram apresentados como farinha do mesmo saco e jesuítas e miguelistas eram apontados como verdadeiros inimigos da humanidade! Mas não era só isso.

Em *Analyse da Crença Christã* (Porto, Typ. de Arthur José de Sousa, 1874), então com 17 anos, procede Bruno, afoitamente, à negação dos dogmas e crenças cristãs (a doutrina de Cristo seria simplesmente um «judaísmo purificado e um «produto de Saulo de Tarso»⁵, à negação da possibilidade do milagre⁶ e às anotações alegadamente críticas sobre capítulos de vários livros do Antigo Testamento que lhe parecem simples absurdos, lendas insulsas ou «a última palavra da mentira ignóbil e imbecil» do «romancista bíblico»⁷. Quanto aos Evangelhos o que significavam eles para o jovem plumitivo? Novos absurdos e ridículos, por isso mesmo atira: «Pobres evangelistas! Nem o mérito da originalidade das vossas farçadas vós possuis...»⁸.

Este livro era apresentado como «um livro de combate»: «Filiado na eschola dos atletas do seculo XVIII e dos renovadores da época atual» este volume tinha «por fim bradar bem alto ao povo que contempl[ass]e de face os seus ídolos» e que reconhecesse «na sua crença o absurdo e a negrura: o Erro contra a Sciencia, o insulto contra a Rasão, a Nodoo na Historia». Por isso o jovem autor exortava: «- *Fiat lux!* Vamos, tracta-se de *écraser l'infame*. Esmaguemos o infame, pois»⁹. A tarefa impunha-se, já que – adiantava Bruno, «na religião christã a verdade não existe, como não existe em religião alguma dos tempos antigos nem dos tempos modernos. A verdade está nos conhecimentos adquiridos pela intelligencia e aferidos pela rasão; a verdade está nas concepções arrojadas da mathematica, nas experiencias perscrutadoras da chimica, na grandeza da philosophia. Da sciencia emana a verdade, como da religião emana o absurdo»¹⁰.

A dogmática ingenuidade com que, apenas quatro anos volvidos sobre o fim do Segundo Império e o princípio da Terceira República em França, o jovem José Pereira Sampaio encarava as lutas do seu tempo contra a religião, «elemento constitutivo» das sociedades coevas e «sustentáculo do velho mundo», adoptando os «pungentes desdêns» daqueles que «acostumados a voar à mansão do genio, não se abaixa[va]m a lutar com a “suprema das loucuras”,» merece ser evocada:

Ninguem duvida que o seculo XIX é o grande seculo da preparação para o nascer das sociedades futuras, sociedades que terão tão somente por base

⁵ Cf. BRUNO, Sampaio – *Os Três Frades e Outros Textos de Ficção*. Ob. cit., pp. XIII e XIV.

⁶ Cf. BRUNO, Sampaio – *Os Três Frades e Outros Textos de Ficção*. Ob. cit., p. 6.

⁷ Cf. BRUNO, Sampaio – *Os Três Frades e Outros Textos de Ficção*. Ob. cit., v. g. pp. 29, 47, 51.

⁸ Cf. BRUNO, Sampaio – *Os Três Frades e Outros Textos de Ficção*. Ob. cit., p. 77.

⁹ BRUNO, Sampaio – *Os Três Frades e Outros Textos de Ficção*. Ob. cit., p. XIV.

¹⁰ BRUNO, Sampaio – *Os Três Frades e Outros Textos de Ficção*. Ob. cit., p. 309.

*o bem e a verdade. Ora se este é o seculo da preparação deve também ser o seculo da lucta. E é o que a logica fatal dos factos está mostrando: revolução em tudo e em toda a parte. É certo o triumpho para a grande seita do livre pensamento: politico, social, religioso e philosophico*¹¹.

Conforme sabemos e nos será recordado por um outro precoce jornalista portuense, a mudança dos ventos da conjuntura ideológica europeia de inícios do século XX cedo levará novas revoadas de jovens intelectuais a olharem de soslaio e criticamente a heteróclita herança oitocentista de gerações «intoxicadas até aos ossos» de literatura e doutrinas muitas vezes mentalmente mal assimiladas e arrumadas, conduzindo esses jovens, expressa ou tacitamente, a «gritarem» com Leon Daudet «Estúpido século XIX!», ou com Paul Morand a proclamarem a necessidade da sua superação no novo século entrado¹². Em ambos os casos, sempre um idêntico reducionismo de apreciações...

2. Pouco antes da publicação da *Analyse da Crença Christã*, em texto sob o título *Sotaina*, publicado em 8 de Abril de 1872, no portuense *Diário da Tarde*¹³, Bruno increpa os participantes do *Congresso dos Oradores e Escritores Católicos*, que reunidos em sessões públicas nos dias 27 e 30 de Dezembro de 1871 e 1, 2 e 5 de Janeiro de 1872 no salão Gil Vicente do Palácio de Cristal, no decurso e na dinâmica daquela assembleia, a tinham transformado em *Associação Católica do Porto*, com estatutos aprovados em 10 de Março de 1872, numa estruturação orgânica eficaz de que era exemplo o jornal diário *A Palavra*¹⁴. Para que a provocação fosse de mais largo espectro, revestia forma de uma «Carta aos Católicos do Congresso», mas também aos do «*Bem Público*, da *Nação* e *Quejandos*»¹⁵.

Os fantasmas são os de sempre: o auto de fé, a corda do carrasco e o despotismo... Os católicos destes periódicos são pura e simplesmente invetivados, mas desta feita «religião» é apresentada contrastivamente a «fanatismo»: «Vós quereis trevas, nós queremos luz; vós quereis infâmias, nós queremos liberdades; vós quereis mistérios, embrutecimento, fanatismo, nós preferimos ciência, instrução, religião»...

¹¹ BRUNO, Sampaio – *Os Três Frades e Outros Textos de Ficção*. Ob. cit., p. 313.

¹² CASTRO, Augusto de – *Sexo 33 ou a Revolução da Mulher*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1933, p. 163.

¹³ Cf. BRUNO, Sampaio – *Dispersos, I* (1872-1879). Prefácio, fixação do texto, notas e organização de ROCHA, Afonso; recolha de DOMINGUES, Joaquim; MARQUES, José Cardoso. Lisboa: INCM, 2008, pp. 29-31.

¹⁴ Cf. GONÇALVES, Eduardo C. Cordeiro – *A Associação Católica do Porto há 125 anos. Contributo para a sua história*. Porto: Associação Católica do Porto, 1997, pp. 14-27.

¹⁵ BRUNO, Sampaio – *Dispersos*. Vol. cit., p. 29.

Eram estes tempos conturbados, marcados pela realização do Concílio Vaticano I e pela definição dogmática do primado da jurisdição e infalibilidade do papa, pela tomada de Roma e unificação italiana, pela queda de Napoleão III e termo da guerra Franco-Prussiana. Em Portugal faziam-se sentir os ecos das Conferências do Casino. Em 1871, no Porto, Guilherme Braga publicara *Os Falsos Apóstolos...* requentada apóstrofe contra «os filhos de Loyola», que o prefaciador da segunda edição, Heliodoro Salgado, considerava tratar Portugal como «um feudo» seu. Em 20 de Setembro de 72 a cidade invicta conhecia novo *meeting* anti-jesuítico, no qual, antipatias políticas aparte, os oradores não deixavam de exaltar as medidas anti-jesuíticas da Alemanha imperial¹⁶. E assim, resistindo ao tempo, a velha temática da lenda negra dos jesuítas, cunhada durante o pombalismo, continuava, com sucessivas actualizações, a ser amplamente utilizada...

Como é natural, *A Palavra*, não deixaria de reagir. Em matéria jesuítica, advertindo logo nesse ano, ainda perto dos ecos da celebração do 1.º de Dezembro, contra o intuito do drama *Os Apóstolos do Mal*, a ser exibido no teatro Baquet, e que constituía, nos termos do jornal católico, mais um acervo calunioso contra os padres da Companhia de Jesus, que tão importantes haviam sido na Restauração de Portugal¹⁷.

Especificamente em relação aos escritos de Bruno, pode até dizer-se que as tomadas de posição de *A Palavra* eram desproporcionadamente contidas, tentando manter perante o público um nível aceitável nessa reacção.

Em vários artigos, a que Bruno dará virulenta réplica, questiona-se a qualidade/idoneidade do «Historiador Bruno»: «*aliquando bonus dormitat Homerus*, mas Bruno em História parece que dorme sempre»¹⁸. Ultimamente encetara Bruno no *Diário da Tarde* a publicação de uma «galeria de martyres, de victimas dos padres e reis católicos». O jornal motejava «aquela pasmosa cabeça» de ser «a história em pessoa» e de a respirar «por todos os poros»¹⁹. Passado algum tempo, *A Palavra* dava espaço a um «Folhetim» intitulado *O Papão Negro-Velho*, satirizando as desmesuras das críticas vulgares à Inquisição. Nomeava-se particularmente o débito desta atitude à obra de João António Llorente, definido no jornal como apóstata da fé católica e traidor à sua pátria a favor dos franceses em 1814²⁰.

Ainda antes do Natal de 1872, o mesmo jornal publicava uma *Instrução Pastoral* de D. Américo Ferreira dos Santos Silva, referente a essa quadra, e

¹⁶ Cf. *A Palavra*, 21 de Setembro de 1872, p. 1.

¹⁷ Cf. *A Palavra*, 6 de Dezembro de 1872, p. 1.

¹⁸ Cf. *A Palavra*, 3 de Setembro de 1872, p. 1.

¹⁹ Cf. *A Palavra*, 10 de Outubro de 1872, p. 1.

²⁰ Cf. *A Palavra*, 7 de Novembro de 1872, p. 1.

Roberto Guilherme Woodhouse publicava um artigo de fundo em louvor do lugar, papel e excelência da Religião²¹. Simbolicamente podemos ver aqui a presença do pastor, discretamente incentivando os “campeões” do movimento católico portuense²², com olhos de discernimento crítico postos na Bélgica, na Alemanha e na França, a prosseguirem com uma iniciativa que se antecipara um mês ao breve de Pio IX, *Maximas sine Intermissione*, aconselhando a fundação de Associações Católicas²³.

Duras de ouvir eram então as objurgatórias de Bruno, no *Diario da Tarde*, (18.7.1872), convidando os associados da Associação Católica, se religiosos, a fecharem a instituição e a abrirem no lugar dela uma escola²⁴. Reagia a terem-lhe chamado do lado de *A Palavra* «Crébillon do terror», por só apresentar nos seus escritos orgias, assassinatos, violências, etc. E retrucava: «Mas que remédio? Se o papado, os jesuítas, os padres na sua máxima parte, só oferecem quadros de orgias, assassinatos e violências! Eu tenho escrito contra o inquisidor, contra o padre mau, e *A Palavra* ama o inquisidor e o padre mau»²⁵. Como dirá depois, noutra artigo do *Diário da Tarde* – ele que nascera em 1857 – bebera em criança, «no primeiro leite», de envolta com as primeiras carícias de sua mãe, o respeito pelo sacerdote. Mas livros que mais tarde lera – confessa –, haviam-lhe modificado a atitude. Anteriormente, nas suas palavras, «beijava a fimbria do vestido do padre» ... sem se lembrar então «que o padre poderia proceder ao incruento sacrificio *depois dum auto de fé* (sublinhado nosso), poderia pegar no evangelho com as mãos que brandiam ainda há pouco o punhal, com as mãos (climax retórico!) que tinham segurado a taça envenenada dos Bórgias»²⁶!...

Como é evidente, estamos no puro domínio da mais dura campanha anticlerical dirigida às massas urbanas.

Embora Bruno lhes chamasse realistas, e nos «realistas ilustrados» dissesse não ver «um só homem bom»²⁷, do lado da Associação Católica e de *A Palavra* não lhe respondiam antagonistas pertencentes à trincheira irredutível do miguelismo. E nesse campo – legitimista – havia, naturalmente, mesmo no Porto, muito boa gente... e gente boa.

²¹ Cf. *A Religião*, in *A Palavra*, 6 de Dezembro de 1872, p. 1.

²² Mais tarde, em 1896, o nome deste prelado comparece entre os sócios beneméritos da *Associação Católica do Porto* (cf. GONÇALVES, Eduardo C. Cordeiro Gonçalves – *A Associação Católica do Porto há 125 anos*. Ob. cit., *Anexo Documental*, p. 64).

²³ GOMES, Pinharanda Gomes – Prefácio a WOODHOUSE, Roberto Guilherme – *A Ciência e a Religião*. Porto: Fundação Eng.º António de Almeida, 1992, p. 19.

²⁴ Cf. BRUNO, Sampaio – *Dispensos*. Vol. cit., p. 57.

²⁵ BRUNO, Sampaio – *Dispensos*. Vol. cit., p. 88.

²⁶ BRUNO, Sampaio – *Dispensos*. Vol. cit., p. 104.

²⁷ BRUNO, Sampaio – *Dispensos*. Vol. cit., p. 99.

3. Numa linha que dava bem a pauta de como o fiel leigo adulto podia e devia ler e interpretar o sempre negregado *Sylabus*, *A Palavra* explicava em vão aos seus contraditores que «pode-se ser liberal e catholico sem contradicção nem confusão de ideias: dever ser liberal o que for sinceramente catholico, porque os princípios da liberdade, da igualdade e da fraternidade não foi a escola revolucionária que os creou, mas o christianismo». Apenas não era sustentável o católico seguir o liberalismo «na extensão que lhe queriam dar os seus actuaes defensores», numa aceção de relativismo, pelo que neste jornal se distinguia judiciosamente entre liberal e «liberalista»²⁸. Havia todavia em Portugal uma pertinaz escola, defendia em artigo de sua autoria Roberto Guilherme Woodhouse, que pretendia «tornar inimigos da liberdade os que se confessa[v]am filhos da Igreja Catholica», a defendiam e lhe obedeciam «respeitosamente»²⁹. A esses «ignorantes e furiosos liberastas» de balde se procuraria alegar, muito pelo contrário, que a liberdade se poderia perceber como decorrendo do próprio catolicismo. Ou, por outras palavras, que «A liberdade e o catholicismo eram coexistentes»³⁰. Era todavia importante, admitia Roberto Guilherme Woodhouse, que se definisse a liberdade como um «estado social, e não um estado político», assente na «garantia e respeito dos direitos individuais» e numa recta administração da justiça», pelo que, em última análise, tanto podia haver liberdade sob uma monarquia absoluta, «como a mais fera tyrania sob o regímen republicano»³¹.

Quem, neste caso, assim respondia pelos «católicos do congresso» era uma personalidade notabilíssima, “com mundo”, ciência e experiência, e ainda hoje, com algumas muito honrosas excepções, espantosamente esquecida pelos investigadores do pensamento português: o primeiro presidente eleito da novel Associação Católica do Porto, cujo retrato a óleo, a corpo inteiro, ainda há pouco se patenteava no alto da escadaria da sede desta associação, na Rua Passos Manuel³². Sucedeu-lhe, como é sabido, o Conde de Resende e depois, por mais de 20 anos, o 2.º Conde de Samodães, liberal cartista, com sólida formação académica e militar, que ocupou distintamente altos cargos civis, políticos e

²⁸ Cf. *A Palavra*, 31 de Agosto de 1872, p. 1

²⁹ *Liberdade e Liberalismo confundidos*. In *A Palavra*, 26 de Setembro de 1872, p. 1.

³⁰ *A Palavra*, 9 de Setembro de 1872

³¹ Art. supracitado in *A Palavra*, 26 de Setembro de 1872.

³² Devendo naturalmente ocupar o mais nobre e central espaço da casa, pela estatura moral, cultural e cívica da sua personalidade e pela referida importância fundacional relativamente à instituição, para aí foi deslocado este retrato, segundo Magalhães Basto ainda atribuível a Augusto Roquemont. Foi condignamente colocado e iluminado aquando da nossa passagem pela presidência da Direção desta Associação (2010-2011). Eleito o primeiro corpo directivo da Associação Católica em assembleia geral de 10 de Março de 1872, Roberto Guilherme Woodhouse contou com a vice-presidência do Visconde de Azevedo e do Dr. António Augusto de Almeida Pinto; no secretariado ficaram António Moreira Bello e Duarte Huet Bacelar; na tesouraria João Francisco de Morais. Vogais: Manuel Teotónio Ribeiro Vieira de Castro, Pedro António Bernardino, Joaquim da Rocha Sousa de Vasconcellos, José Maria Alves, Simão Esteves de Almeida Nazareth e Francisco Joaquim Monteiro.

governativos, orientando a sua conduta pelo lema «Deus, Rei, Carta e liberdades públicas» e, acima de tudo, por uma apuradíssima consciência ética dos seus deveres cívicos e temporais, enquanto cristão³³.

Roberto Guilherme Woodhouse Barreto de Lencastre nascera no Porto em 9 de Setembro de 1828. Filho mais velho de Robert William Woodhouse, fidalgo inglês, protestante, estabelecido na cidade como exportador de vinhos, e de sua mulher D. Maria Ermelinda Marques da Costa Gomes de Oliveira, católica apostólica romana, fora educado em Inglaterra no credo religioso do seu pai³⁴.

Em Londres formara-se em Ciências Naturais, não descurando a sua preparação humanística e musical, entregando-se outrossim a um estudo pessoal, aprofundado, da teologia, «em longas noites de leitura e de meditação». A conversão ao credo católico «deve-se ter dado aí por 1853», quando servia o Conde de Lavradio, como adido à embaixada portuguesa em Londres³⁵.

No ano seguinte, já em Portugal, casara com D. Isabel Emília de Sousa Vahia de Morais Madureira, filha dos primeiros Viscondes de S. João da Pesqueira, e, ela mesmo, Viscondessa de Balsemão, por ter sido casada em primeiras núpcias com Luís José Alexandre Pinto de Sousa Coutinho Alvo Godinho Brandão Perestrelo, 3.º Visconde de Balsemão.

Era este o ilustre jornalista, co-fundador de *A Palavra*, que colocara a sua bagagem intelectual e erudição em defesa da mundividência cristã e da Igreja Católica, sistematicamente atacadas por uma falange aguerrida e impiedosa de plumitivos republicanos, anti-clericais e anti-católicos, nomeadamente a que se anichava no portuense *Diário da Tarde*³⁶.

Como é sabido, um dia, já em República, cujos excessos não teria previsto, e perante tumultos de teor anticlerical no Porto, Sampaio Bruno, deplorando, escandalizado, os assaltos e destruições de dia 15 de Outubro de 1911, operadas, perante a passividade colaborante das autoridades, nas sedes da *Associação Católica*, do *Círculo Católico de Operários* e do jornal *A Palavra*, e outras formas de intolerância sectária, afirmará dignamente, em *O Primeiro de Janeiro*, desejar afastar-se «completa e absolutamente enojado, da vida política portuguesa»³⁷.

Mas não seriam, em boa medida, estas violências “liberais” o fruto de tanta massificação propagandística pretérita?

³³ Cf. GONÇALVES, Eduardo C. Cordeiro – *A Associação Católica do Porto há 125 anos*. Ob. cit., p. 37.

³⁴ BASTO, Artur de Magalhães – *Roberto Guilherme Woodhouse*. In *Figuras Literárias do Porto*. Porto: Simões Barreira, 1947, pp. 199-200.

³⁵ BASTO, Artur de Magalhães – *Roberto Guilherme Woodhouse*. In *Figuras Literárias do Porto*. Ob. cit., pp. 200-201.

³⁶ Cf. TAVARES, Pedro Vilas Boas – *Consciência e Diálogo Inter-religioso. Instantâneos Portuenses*. «Via Spiritus», 21 (2014), pp. 150-151.

³⁷ LEAL, Ernesto Castro – *Sampaio Bruno e o Republicanismo Moderado*. In LEAL, Ernesto Castro (coord.) – *Republicanismo, Socialismo, Democracia*. Lisboa: Centro de História da FLUL, 2010, pp. 95-95.

O ano de 1911 começara de resto sob o signo do *Direito da Força*, conforme Alberto Pinheiro Torres, o novo director de *A Palavra* se expressava, referindo-se aos assaltos e destruições perpetrados contra os jornais monárquicos *Liberal*, *Correio da Manhã*, *Diário Ilustrado*, factos graves, dos quais, alegadamente, apenas resultara um preso: o chefe da tipografia do *Correio da Manhã* por então ter protestado, como queixoso³⁸...

4. Com a idade renunciou Sampaio Bruno à atitude de militante anticlericalismo de juventude?

Segundo acabamos de lembrar, a atitude de Bruno mudou perante a realidade pós-5 de Outubro. Ele próprio se explicou:

*Tendo sido na Monarquia um radical e um revolucionário, serei na República um moderado e um conservador. E, procedendo assim, não desminto o meu passado nem traição o critério por que até aqui me orientei, o qual continua a ser o mesmo positivista [aqui no sentido de positividade], relativista, inspirado no método das ciências e derivado do espírito que constitui a trama evolucionista (visto que a revolução não seja mais do que um aspecto particular da evolução) que concatena e organiza a filosofia moderna. Não desejo em maneira alguma que a República Portuguesa assuma um carácter faccioso ou sectarista e repudio em absoluto qualquer fanatismo, porque entendo que o novo regime deve ser um campo aberto para a actividade leal de todos os portugueses[...]*³⁹.

Nem por isso, todavia, no que é essencial, o pensamento de Bruno evoluiu relativamente aos católicos e à valoração dos seus procedimentos, princípios e movimentos sociais. E, curiosamente, no momento em que o escritor portuense, lembrando o queirosiano «Quando nós eramos moços», faça uma evocação do seu passado juvenil, «quando o futuro nos parecia cor de rosa», não deixará, ao mesmo tempo, de colocar às costas dos seus antagonistas, sem esboço autocrítico, a culpa pelos respectivos excessos: «[então] se nos afigurava uma insolente injúria à dignidade do homem o pensar que nos considerariam verdadeiros monstros sociais, porque sonhávamos a fraternidade»⁴⁰. Os conceitos em excesso definitivos de Bruno sobre o regime vigente («uma tyrania

³⁸ Cf. *O Direito da Força*. In *A Palavra*, 10 de Janeiro de 1911.

³⁹ Cf. BRUNO, Sampaio – «*A República Portuguesa* [III]», *A Pátria*. Porto, ano II, n.º 319, 12 de Outubro de 1910, p. 1, *apud* LEAL, Ernesto Castro – *Sampaio Bruno e o Republicanismo Moderado*. In ob. cit., pp. 84-85.

⁴⁰ Cf. BRUNO, Sampaio – *A Questão Religiosa*. Porto: Livraria Chardron, 1907, p. 151.

mascarada e subtil»⁴¹, e sobre a separação do estado da igreja não se tinham amaciado. É claro que o que ele temia era uma clara, leal e verdadeira separação, em que perante um estado livre ombreasse uma igreja livre. Apesar de extensa, impõe-se-nos citação completa do seu pensamento:

Em Portugal essa separação seria já hoje [1907] possível?

A separação da Igreja do Estado implica a liberdade dos cultos (a qual, essa, é que, de há muito, devia estar decretada em Portugal), mas implica também, com a integral secularização da sociedade civil (também já decretável e necessitada e incessantemente decretanda), a integral proibição de actos do culto externo afora do recinto das igrejas. Ora, seria possível proibir hoje já nas aldeias portuguesas procissões pelas ruas? Seria possível proibir festividades aos santos populares, S. João, Santo António, S. Pedro? Seria possível proibir tocatas, cantatas e romarias?

Era inteiramente impossível, a menos de se correr o perigo de se incorrer no odioso de promover uma verdadeira perseguição religiosa, na qual os liberaes é que sucumbiriam, com o desdouro de uma contradição, antipathica ao seu lemma de benignidade e tolerância.

*Mas, por outro lado, a separação da Igreja do Estado, conservando-se todo o condicionalismo moral e de costumes actual, só com a restrição dos subsídios directamente pagos ao clero pelo Estado, seria um desbarate sofrido pelo Estado. Seria a Igreja livre, e agora absolutamente livre, n'um Estado completamente desarmado em face d'ella e de suas fâtaes intromissões na esfera civil, pela prédica, pela congregação, pela educação, etc.*⁴².

Filosoficamente, marcado pela obra de Amorim Viana, *A Defesa do Racionalismo ou Análise da Fé*, publicada em 1866, Bruno, ao contrário do mestre, passara a defender, logo nos seus primeiros escritos, «a contraposição radical da religião e da ciência. Mais tarde, juntou-lhe o misticismo naturalista da gnose antiga persistente na época moderna e divulgada por Martines de Pasqualis»⁴³. Deixando aos especialistas a análise da evolução do pensamento de Bruno, limitemo-nos, modestamente, à apreciação da sua abordagem à realidade eclesial, católica, apostólica romana.

Começa por impressionar que aos 38 anos continue a estimular a produção de «poetas de combate» que em Portugal e Brasil «esmagavam denodadamente as víboras jesuíticas», como o documenta o seu preâmbulo à 2.^a edição (Porto, 1895) de *O Bispo, Nova "Heresia" em verso*, de Guilherme Braga, poemas,

⁴¹ Cf. BRUNO, Sampaio – *A Questão Religiosa*. Ed. cit., p. XXII

⁴² BRUNO, Sampaio – *A Questão Religiosa*. Ed. cit., p. 35.

⁴³ ALVES, Ângelo – *A Corrente idealístico-gnóstica do Pensamento Português Contemporâneo*. Ob. cit., p. 13

no dizer insuspeito de Jacinto do Prado Coelho, caracterizados por «tosco e violento anticlericalismo»⁴⁴. Mais, alinhando com Herculano num virulento regalismo anti-congreganista, e com ele percebendo que o “perigo” da renovação eclesial e do catolicismo social vinham de França e da Bélgica, vai muito mais longe, e não poupa mesmo a figura do liberal e massivamente pranteado rei D. Pedro V, que merecera a sincera estima e admiração do historiador⁴⁵. Razões expressas do lamento de Bruno: «Voltou-se [o rei] para Deus, procurou nos hospitais dos Cholicos o repouso, pela abnegação; decididamente acompanhou o movimento do retrogradamento francez, pela introdução dos lazaris e das irmãs de caridade no reino». Finalmente, «mergulhou nas leituras symptomaticas, como as que lhe deu o conhecimento de Dante (...)»⁴⁶.

Pelos 50 anos, em *A Questão Religiosa*, já citada, tal como outrora Herculano ridicularizara o «neocatolicismo» e a alegada «exaltação religiosa» de um ilustre homem de ciência, o engenheiro silvicultor Bernardino Barros Gomes, diplomado pela Real Academia de Tharandt, na Alemanha, casado com uma alemã de confissão protestante, por ter substituído o «espectro» do anti-jesuitismo, sentido na própria casa paterna, pelo caminho vicentino que o conduziu às conferências e à fé mariana expressa nas revelações de Lourdes⁴⁷, também agora Bruno ridicularizava o Padre Sena Freitas pela sua admiração por Luís Veuillot, e o portuense José Maria de Sousa Monteiro, o Padre José de Sousa Amado e o Padre Carlos João Rademaker por serem símbolo do avanço da «onda negra» e do «reaccionarismo» em Portugal⁴⁸.

Era todo um mundo horrificante para Bruno, pois – cito – era o «flagrante triunfo do jesuitismo», que se perfilava na sociedade, fora do espaço meramente reservado ao culto e à sacristia. O republicanismo de Bruno não tolerava, também ele, qualquer impacto e consequência social do magistério da Igreja. Por isso alertava:

*A educação das novas gerações burguesas está nas mãos dos reaccionários, e mesmo entre as classes trabalhadoras eles exercem influência, por meio de agremiações especiaes, denominadas círculos catholicos ou círculos operários*⁴⁹.

⁴⁴ «Guilherme Braga». In *Dicionário de Literatura*. Porto: Figueirinhas, 1978, p. 118

⁴⁵ Cf. TAVARES, Pedro Vilas Boas – *Alexandre Herculano e o Antigo Regime: “Pontes” de uma ruptura*. In MARINHO, Maria de Fátima; AMARAL, Luís Carlos; TAVARES, Pedro Vilas Boas (coord.) – *Revisitando Herculano*. Porto: Flup edita, 2013, p. 68.

⁴⁶ BRUNO, Sampaio – *Preâmbulo a Guilherme Braga, O Bispo, Nova “Heresia” em Verso*. Ed. cit., p. XXIII.

⁴⁷ Cf. MARQUES, João Francisco – *Herculano V/S Barros Gomes*. In *Revisitando Herculano*. Ob. cit., pp.156-157.

⁴⁸ BRUNO, Sampaio – *A Questão Religiosa*. Ed. cit., pp. 143-148.

⁴⁹ BRUNO, Sampaio – *A Questão Religiosa*. Ed. cit., p. 149.

Por outro lado, no campo liberal, ninguém cuidara de levar a sério a denúncia do «livro celebre de Michelet, *A mulher o padre e a família*, traduzido para português por José Maria de Andrade Ferreira desde 1861», e apenas se julgara atacar o problema «ministrando noções científicas às mulheres, para lhes fazer perder as abusões supersticiosas». Ora, afirmava Bruno (sem se dar conta do grande elogio implícito que assim fazia à pastoral coeva, dirigida à mulher), «pretender substituir as sugestões clericais concernentes á morte e á immortalidade, á independencia sexual e á dignidade feminina, á responsabilidade dos actos e á sorte dos filhos, por noções de geografia e arithmetica, é o cumulo da incomprehensão. Do jesuitismo, a mulher aceita e nos padres procura uma *directão espirital*; e a este respeito o liberalismo não lhe fornece, em regra, senão galhofas voltairianas, cynicas sempre e obscenas frequentemente»⁵⁰.

Artigo recebido em 24/07/2015

Artigo aceite para publicação em 06/10/2015

⁵⁰ BRUNO, Sampaio – *A Questão Religiosa*. Ed. cit., p. 150.